

A GRAFIA DE SÍLABAS COMPLEXAS POR CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

YASMIN EDUARDA MACHADO DE CAMPOS¹;
LISSA PACHALSKI²; ANA RUTH MORESCO MIRANDA³

¹Universidade Federal de Pelotas – yasmineduarda1@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – pachalskil@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este é um estudo exploratório que tem como objetivo descrever e analisar as grafias de sílabas complexas de crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental. A aquisição da escrita é um processo complexo que envolve o domínio de diversas habilidades linguísticas e cognitivas, dentre as quais se destaca a escrita de sílabas complexas, tarefa que se configura como um desafio para muitas crianças, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental. Considerando-se que a sílaba básica, a menos marcada e a primeira a ser produzida pelas crianças no processo de aquisição de linguagem, é a estrutura composta por consoante e vogal (CV), são consideradas complexas aquelas unidades prosódicas constituídas por três ou mais segmentos (fonemas) agrupados em uma única sílaba. As sílabas complexas abordadas neste estudo são aquelas constituídas por duas vogais no ataque **CCV**, os chamados encontros consonantais, e aquelas com a posição pós vocálica preenchida **VC**, ou seja, sílabas com coda. Palavras como “cambalhota” e “desfile” são exemplos de palavras que contêm sílabas com codas e palavras como “brincam” e “quebram”, exemplos de encontros consonantais. Para identificar e analisar sílabas complexas, é fundamental ter conhecimento sobre as regras fonológicas e fonotáticas da língua em questão, isso quer dizer que é necessário saber quais são as combinações possíveis para formar a unidade silábica e também quais os segmentos licenciados para ocupar tais posições. No português, uma sílaba mínima é constituída por apenas uma vogal (V), como na primeira sílaba da palavra “a.ve”, por exemplo; e a sílaba máxima pode conter até cinco segmentos, como a primeira da palavra “trans.por.te”. Os estudos desenvolvidos no GEALE (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita) têm mostrado que a complexidade silábica é responsável por um conjunto significativo de erros nas escritas alfabéticas iniciais, à medida que revelam a forma como as crianças processam tais estruturas (MIRANDA, 2009, 2019; PACHALSKI, 2020)

2. METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e empírica com a finalidade de aprofundar o conhecimento teórico sobre o processo de aquisição da escrita e identificar as principais tendências das crianças para a grafia de estruturas complexas. A base empírica constitui-se em uma amostra de ditados produzidos por 122 alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, os primeiros cinco anos, tendo sido descartados aqueles ditados que apresentavam um nível pré-alfabético de escrita. Os dados foram coletado em uma escola

pública de Pelotas/RS e foram extraídas apenas as palavras com os contextos relativos à escrita de sílabas complexas, quais sejam: “brincam”, “quebram”, “exemplo”, “extra”, “alguém”, “cambalhota”, “desfile”, “exército” e “gente”. Ao todo, foram computados quatro contextos para ataque complexo e oito para codas. Os ditados pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE) do GEALE e os dados são analisados de acordo com as variáveis: erro-acerto e tipo de sílaba complexa (se a coda ou o encontro consonantal).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa concentra-se nas grafias das sílabas complexas de dois tipos distintos: encontro consonantal e coda. Os resultados da análise dos dados indicam que, independentemente do contexto específico, os alunos enfrentam desafios notáveis na compreensão e utilização dessas unidades linguísticas. Na tabela, a seguir, tem-se a distribuição dos erros e acertos para cada uma das estruturas analisadas:

	acertos	erros	total
coda	279	118	397
	70,3%	29,7%	100%
encontro consonantal	151	55	206
	73,3%	26,7%	100%
total	430	173	603
	71,3%	28,7%	100%

Como se pode observar na tabela, há um número menor de erros, em se comparando aos acertos, nos contextos analisados, 29,7% e 26,7% para a grafia da coda e do encontro consonantal, respectivamente. Tais índices se diferenciam daqueles observados em estudos que analisam dados extraídos de contextos espontâneos, como o de Miranda (2019), apresentando índices mais altos de erros já que a autora, analisando os três primeiros anos do Fundamental, reporta índices de 4% de erros para o ataque complexo e, em média, 10% para as grafias das codas.

A fim de observar os resultados da tabela 1 com um pouco mais de detalhe, foi feita uma computação dos dados considerando-se o tipo de estrutura mais afetada pelos erros. Os resultados estão expressos nas duas tabelas a seguir.

Tabela 2: Erros por tipo de encontro consonantal e por palavra analisada.

estrutura da palavra	grafia alvo	percentual de erros
quebram	br	12
		21,8%
brincam	br	1
		1,8%
exemplo	pl	19
		34,5%
extra	tr	23
		41,8%
total		55
		100%

Algumas tendências podem ser observadas, ainda que se trate de uma diminuta amostra dos tipos encontrados na língua: a maior incidência de erros recai sobre a estrutura "tr", seguida da estrutura "pl" e "br". Além disso, parece haver efeito da posição na palavra, uma vez que o mesmo "br" apresenta resultados distintos para posição inicial e medial. Miranda (2019), ao mencionar a frequência de estruturas com ataque complexo em português e em dados do BATALE, mostra que "tr" é a mais frequente dentre todas e que "br" está em terceiro lugar no ranking, sendo "pl" aquela que está entre as menos frequentes. Por esse padrão de frequência observado, não se pode associar os índices obtidos à maior ou menor incidência dessas formas no léxico.

A Tabela 3 mostra a distribuição dos erros de acordo com o tipo de consoante pós vocálica envolvida.

Tabela 3: Porcentagem de erros identificados em coda.

estrutura da palavra	gráfia alvo	percentual de erros
gente	n.t	7
		5,9%
cambalhota	m.b	27
		22,9%
desfile	s.f	14
		11,9%
exemplo	m.p	21
		17,8%
exército	r.c	7
		5,9%
alguém	l.g	19
		16,1%
extra	x.t	23
		19,5%
total		118
		100%

Vale observar que o português licencia no nível fonológico quatro consoantes para ocupar a posição pós vocálica, quais sejam: Nasal /N/, Lateral /L/, Rótica /r/ e Fricativa /S/. Já na escrita essas consoantes podem ser representadas por diversos grafemas: <m>, <n> para nasal; <l> para lateral que é pronunciada como semivogal [w]; <r> para a rótica, e <s> ou <x> para a fricativa. Nos erros computados observa-se que a inconsistência fonema grafema produz erros do tipo ortográfico, isto é, trocas de <m> por <n> e vice-versa, trocas de <l> por <u> ou ainda trocas de <x> por <s>. Além desses erros são encontrados também aqueles do tipo fonológico que correspondem à omissão da consoante pós-vocálica ou processos de metátese e epêntese, por exemplo.

Nas palavras analisadas, o menor índice de erros é relativo às grafias da nasal, na palavra "gente", e da rótica, na palavra "exército"; e os maiores, nas palavras "cambalhota" e "extra". O menor índice para róticas pode ser explicado pela relação direta entre o fonema e o grafema que o representa, e o índice alto para a fricativa pode ser motivado pela presença do grafema <x>, como um efeito da ortografia (Miranda, 2009 e 2019; Pachalski, 2020). Já no que diz respeito à nasalidade, os estudos do GEALE têm mostrado que tal estrutura é a mais

problemática do ponto de vista de sua constituição fonológica, o que repercute na sua grafia, e, além disso há ainda a possibilidade de uso de dois grafemas que se definem por regra contextual. Nos resultados deste estudo, a nasal ocupa o primeiro e o último lugar numa escala de menor a maior percentual de erros. Para estas palavras específicas, pode-se pensar sobre o efeito do tamanho da palavra, em "cambalhota", como sendo um complicador; e na alta frequência da palavra "gente" como potencial facilitador para a grafia correta.

4. CONCLUSÕES

Os resultados da presente pesquisa, que tem cunho exploratório, têm implicações para a pedagogia e a educação linguística, destacando a necessidade premente de abordagens específicas e eficazes para o ensino de sílabas complexas. O início do ensino fundamental é um período importante para o desenvolvimento da linguagem e para a aquisição de habilidades relacionadas às sílabas complexas que desempenham um papel relevante para a construção da base linguística das crianças.

Em última análise, os resultados desta pesquisa têm o potencial de catalisar mudanças significativas nas abordagens pedagógicas, promovendo uma educação mais eficaz e abrangente no que diz respeito à aquisição da linguagem. Ao reconhecer e enfrentar as dificuldades específicas relacionadas às sílabas complexas, podemos contribuir para o desenvolvimento de uma geração de alunos mais proficientes na língua e mais preparados para enfrentar os desafios linguísticos que encontrarão ao longo de suas jornadas acadêmicas e pessoais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MIRANDA, A. R. M. As sílabas complexas: fonologia e aquisição da linguagem oral e escrita. Fórum linguístico, Florianópolis, v.16, n.2, p.3825-3848, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n2p3825/40613>>.

MIRANDA, A. R. M. A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais. In: PINHO, S. Z. (org.). Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação. São Paulo: Unesp, 2009. p. 409-426.

MIRANDA, A. R. M. BATALE: Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. 2001.

PACHALSKI, L. A grafia de sílabas complexas na aquisição da escrita: relações entre fonologia e ortografia. 2020. 197 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

SOUZA, Maria Clara. Aquisição da linguagem e alfabetização: Um estudo sobre a segmentação silábica. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 18, n. 2, p. 187-204, 2018.